

GIULIA HERRES TERRAZA

**A ilustração e suas possibilidades para o ensino da arte**

Brasília  
2018

GIULIA HERRES TERRAZA

**A ilustração e suas possibilidades para o ensino da arte**

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Plásticas, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Lopes de Souza.

Brasília  
**2018**

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma investigação sobre o ensino da arte e o processo de sensibilização do sujeito. A ilustração foi escolhida como uma possibilidade de promover experiência estética e desenvolver a literacia visual, buscando maneiras diferentes de dialogar com o aluno e aproximar o ensino de sua realidade. Essa pesquisa considera a importância da capacidade de realizar análises e interpretações de imagem a fim de identificar as narrativas visuais que nos são passadas cotidianamente, de modo a ampliar as possibilidades de escolhas sobre o que nos influencia ou não.

**Palavras-chave:** Ilustração, experiência estética, narrativa visual, literacia visual.

## **ABSTRACT**

This work presents an investigation about the teaching of art and the process of sensitization of the being. The illustration was chosen as a possibility to promote aesthetic experience and to develop visual literacy, looking for different ways to dialogue with the student and bringing teaching closer to their reality. This research considers the importance of the ability to perform analyzes and interpretations of image to identify the visual narratives that are passed to us every day, and thus expand the possibilities of choices about what influences us or not.

Keywords: Illustration, aesthetic experience, visual narrative, visual literacy.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE IMAGENS.....</b>	<b>6</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>1. A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA.....</b>	<b>9</b>
<b>2. NARRATIVA VISUAL E LITERACIA VISUAL.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Como perceber as narrativas visuais.....</b>	<b>12</b>
<b>2.2 A literacia visual no ensino das artes visuais.....</b>	<b>12</b>
<b>2.3 Demonstração da leitura de imagem.....</b>	<b>14</b>
<b>2.4 Literacia visual: desenvolver a partir da prática artística.....</b>	<b>17</b>
<b>3. A ILUSTRAÇÃO E SUAS POTENCIALIDADES .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 Funções da ilustração.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 O potencial da ilustração no ensino das artes visuais .....</b>	<b>24</b>
<b>4. A ILUSTRAÇÃO EM SALA DE AULA: UMA BREVE REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 Expêriencias realizadas no Brasil.....</b>	<b>33</b>
<b>4.2 Expêriencias realizadas no exterior.....</b>	<b>35</b>
<b>5. ALTERNATIVAS FUTURAS DE PLANOS DE AULA.....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Ilustração Winter (in progress), de Marion Barraud. 2017.....	15
Figura 2: Imagem do behance da ilustradora Marion Barraud modificada por mim..	15
Figura 3: “Valentina, a veloz” da série Crianças de açúcar, de Vik Muniz, 1996.....	18
Figura 4: Ilustração do livro “Moi, J’attends” de Serge Bloch e Davide Cali, 2005...	19
Figura 5: Ilustração do livro “Moi, J’attends” de Serge Bloch e Davide Cali, 2005...	19
Figura 6: Ilustração de Alexandre Matos para capa coleção: A Caminho dos Mapas Ed.Moderna, volume 4”, 2013.....	21
Figura 7: Ilustração de Brett Helquist do livro “Desventuras em Série: Mau Começo”, 2001.....	22
Figura 8: Ilustrações de Pedro Rosa do livro “Primeiro cresci no coração”, 2013....	25
Figura 9: Ilustrações de Pedro Rosa do livro “Primeiro cresci no coração”, 2013....	26
Figura 10: Ilustrações de Andrea Ebert do livro “A vassoura do ar encantado”, 2012.....	27
Figura 11: Ilustrações de Andrea Ebert do livro “A vassoura do ar encantado”, 2012.....	27
Figura 12: Ilustrações de El Lissitzky do livro “A história de dois quadrados”, 1922 .....	28
Figura 13: Ilustração de Joan Miró do livro “À toute epreuve”, 1958.....	29
Figura 14: Ilustração de Yumi Sakugawa do livro “Your Illustrated Guide to Becoming One with the Universe”, 2014 .....	30
Figura 15: Ilustração de Agathe Sorlet “Sunday with you”, 2018.....	31
Figura 16: Primeiros desenhos realizados por algumas crianças após conversa sobre processos criativos.....	34
Figura 17: Desenhos realizados por algumas crianças do após ver o livro “Telefone sem fio”e analisar imagens.....	34
Figura 18: Lamin Sanyang pintando sua proposta. Kabafita Lower Basic School, Brikama, Gambia (2009).....	37
Figura 19: Crianças pintando personagens e elementos do álbum, em grupos de diferentes idades. Colegio Mata de Jonc, Palma, España.....	38
Figura 20: Crianças pintando fundo dos álbuns em grupo. Colegio Primaria Cruz Azul, Tula, México.....	39

## Introdução

O presente trabalho foi motivado pelo meu interesse em ilustração e em uma educação em arte mais completa, subjetiva e próxima da realidade do aluno. Minha afeição e curiosidade pela ilustração vem desde a infância, pois sempre tive muitos livros ilustrados e, além disso, estudei em uma escola em que produzíamos livros. Anualmente era organizada uma feira de literatura e ilustração pelos alunos e professores, na qual cada turma possuía sua editora e estande. Meu interesse acadêmico por esse assunto intensificou-se a partir de um intercâmbio que fiz no 5º semestre em Lisboa e lá cursei algumas matérias que não temos no Instituto de Artes da UnB, como, por exemplo, cerâmica e ilustração.

Por ocasião do intercâmbio, tive também a oportunidade de ir a vários congressos e colóquios, entre os quais, destaco os dois mais importantes, a saber, o Colóquio “É então isto para crianças? Criações para a infância e juventude” e o Congresso “Arte, Ilustración y Cultura Visual en Educación Infantil y Primaria”. No colóquio, os criadores de arte para criança (entre as expressões, livros ilustrados, filmes, animações, músicas e teatro – com viés poético e lúdico) apresentaram seus trabalhos e trajetórias nesse universo infantil. Já, no congresso, pesquisadores do mundo inteiro apresentaram suas experiências e pesquisas relacionadas ao ensino de arte. Esses eventos despertaram a minha atenção para possibilidades de pesquisas acadêmicas em ilustração, focando em minha área de formação que é licenciatura em artes plásticas.

Considerando esses fatores e contando com o fato de que somos bombardeados por imagens todos os dias e que essas imagens possuem suas próprias narrativas, este trabalho destaca a importância de desenvolver a capacidade de analisar e interpretar essas narrativas e discursos, para assim podermos selecionar, mais crítica e conscientemente, aquilo que nos interessa para a construção de nossa subjetividade e para o entendimento de mundo, e não apenas absorvermos, irrefletida e passivamente, tudo o que nos é passado. Diante disso, venho propor neste trabalho a utilização da ilustração no ensino das artes visuais como possibilidade de gerar e ampliar a experiência estética, além de propiciar o desenvolvimento da literacia visual. Essa escolha tem por base também o

reconhecimento da importância de se aproximar o ensino à realidade do aluno, a fim de provocar e promover mais interesse nos sujeitos e tornar as suas experiências educacionais mais profundas.

Para tanto, o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo refere-se à experiência estética e sua importância neste estudo. O segundo capítulo discute a narrativa visual e literacia visual. Assim, os temas estão organizados em dois subcapítulos em que são abordadas a conceituação e sua aplicação em ambiente educativo. O terceiro capítulo conceitua ilustração e discorre sobre questões como as funções da imagem no livro e sua influência no mundo infanto-juvenil no que diz respeito à percepção das narrativas e composições visuais. No quarto capítulo, apresentam-se algumas experiências já realizadas em sala de aula e ambientes educativos extraescolares nas quais as possibilidades de uso da ilustração são exploradas. Por fim, no quinto capítulo, elencam-se sugestões para futuras práticas educativas envolvendo ilustração e experiência estética.



## Capítulo 1: A Experiência Estética

Antes de mais, cumpre evidenciar que primeiramente discorrerei sobre a experiência estética e de seu papel neste trabalho. Assim, segundo Duarte Júnior (1981), experiência estética é algo que experienciamos imediatamente e que nasce do encontro entre o “Eu” e o objeto estético, de forma que ambos influenciem um ao outro, sem subordinação, em uma relação de igual para igual. Por outras palavras, é aquilo que percebemos por meio dos sentidos e que nos toca de alguma forma. Essa percepção se dá por meio de um reconhecimento de algo que há em nós e que é manifestado pelo objeto estético que nos impacta na experiência.

A beleza se encontra assim, entre o homem e o mundo, entre a consciência e o objeto (estético). A beleza habita a relação. A relação onde os sentimentos entram em consonância com as formas que lhes tocam, vindas do exterior. O prazer estético reside na vivência da harmonia descoberta entre as formas dinâmicas dos sentimentos e as formas da arte (ou dos objetos estéticos). Na experiência estética os meus sentimentos descobrem-se nas formas que lhes são dadas como eu me descubro no espelho. Através dos sentimentos identificamo-nos com o objeto estético e com ele nos tornamos um.” (DUARTE JUNIOR, 1981, p. 85).

Cabe salientar que as experiências estéticas podem acontecer não só em relação ao belo, mas também ao feio. Aquilo que experienciamos esteticamente e que nos causa mal-estar ou incômodo, não deixa de ser uma experiência estética. Umberto Eco (2007, pp. 276-279), por exemplo, afirma que o que é interessante esteticamente pode ser causado pelo disforme e irregular e que inclusive o belo necessita do feio para existir. Sem esse contraste eles não existem, um depende do outro. Aliás uma obra bela ou paisagem ou objeto pode, muitas vezes, ser composta de elementos feios.

Para reconhecermos o que é uma experiência estética podemos começar por pensar o que seria uma experiência que não é estética. Por exemplo, se assustar com um barulho forte, cair e se machucar, sentir um cheiro vindo de algum lugar são experiências diretas, mas não são estéticas. Entretanto, quando vemos uma bela paisagem ou uma obra de arte a experiência estética acontece. Logo, uma experiência estética pode acontecer fora do domínio artístico, isto é, o objeto estético não precisa ser uma obra de arte como um quadro, uma peça de teatro ou uma sinfonia; pode, pois, ser advindo também da cultura visual e popular. Isso significa

que imagens em mídias sociais ou capas de revistas, paisagens urbanas, televisão, rádio, entre outros artefatos, também podem provocar experiências estéticas.

Outra forma de identificação do que seja uma experiência estética pode ser orientada pelas especificações de Beardsley (1982a, pp. 288-289 apud MOROKAWA, 2018, p.51). Segundo ele, existem cinco critérios para que se possa designar uma experiência como estética, que deve, obrigatoriamente, contemplar o primeiro critério e, no mínimo, mais três outros. Desta forma, cumpre apresentar todos os cinco critérios:

(1) Orientação para o objeto (Object directedness). Uma orientação voluntariamente aceita da sucessão dos próprios estados mentais pelas propriedades (qualidades e relações) fenomenalmente objetivas de um campo perceptual ou intencional sobre o qual a atenção é fixada com o sentimento de que as coisas estão se ajustando adequadamente.

(2) Liberdade sentida (Felt freedom). Uma sensação (sense) de libertação do domínio de algumas preocupações antecedentes sobre passado e futuro, um relaxamento e sensação de harmonia com o que é apresentado ou semanticamente invocado ou implicitamente prometido pelo objeto, de modo que o que surge parece ter sido livremente escolhido.

(3) Afeto desinteressado (Detached affect). A sensação de que os objetos sobre os quais o interesse está concentrado são colocados um pouco à distância emocionalmente – um certo distanciamento do afeto, de modo que mesmo quando somos confrontados com coisas obscuras e terríveis, e os sentimos bruscamente, eles não oprimem, mas fazem-nos conscientes do nosso poder de nos elevar acima deles.

(4) Descoberta ativa (Active discovery). Um senso de exercer ativamente poderes construtivos da mente, de ser desafiado por uma variedade de estímulos potencialmente conflitantes para tentar fazê-los coesos; um estado de destravamento leva à alegria de ver conexões entre percepções e significados, um sentido (que pode ser ilusório) de inteligibilidade.

(5) Totalidade (Wholeness). Um sentimento de integração como pessoa, de ser restaurado à totalidade sem influências distrativas e desordenadoras tanto por síntese inclusiva, como por exclusão), e um contentamento correspondente, mesmo por meio de sentimentos perturbadores, que envolve autoaceitação e autoexpansão. (BEARDSLEY, 1982a, pp. 288-289).

Assim, o espectador envolve-se com o objeto artístico estabelecendo-se uma relação de subjetividade para subjetividade, deixando-se invadir por aquilo que o objeto estético constitui e provoca. É evidente que, no momento da realização de sua experiência, o espectador não precisa estar atento a estes critérios e, talvez, tais critérios nem sejam percebidos por ele, mas a densidade da experiência vivida pode ser reconhecida na “autoexpansão” promovida por ela.

Vale ressaltar que a experiência estética é um conceito amplo e complexo e

que muitos autores abordam-no de maneiras diferentes e com definições diversas. Neste texto privilegio as conceituações atinentes à experiência estética mais consonantes ao propósito do trabalho e que por isso fazem mais sentido nesse contexto. Mas, afinal, qual a importância de discorrer sobre esse conceito? Ora, nós seres humanos somos seres estéticos, ao longo de nossa vida vamos somando as experiências sensoriais e sensíveis que vivenciamos e formando nossa noção e compreensão de mundo.

O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. (JORGE LARROSA, 2002, p.24).

Desse modo, como sujeitos de experiência, nossa maneira de ver e perceber as coisas ao redor é influenciada por tudo aquilo que experienciamos e sentimos. Assim, no tocante ao campo visual da experiência, corroboro a perspectiva de Cunha (2014, pp. 159-177), a saber, o universo imagético tem um forte poder de criar realidades e produzir mundos dentro e fora de nós. Manifestamos, então, no cotidiano, as visões/compreensões desses mundos com base nos valores que elas representam.

Logo, considerando tal perspectiva como princípio, uma educação dotada de sentido e construção reflexiva e crítica deve passar pela experiência estética, principalmente no ensino de artes. No que se refere às Artes Visuais, leva-se em conta também a necessidade de uma educação e formação estética a fim de promover não só a construção autônoma e emancipada de significações pelo sujeito frente os artefatos visuais, o que aqui chamamos de experiência, mas também o entendimento de discursos e narrativas que influenciam as construções sociais.

## **Capítulo 2: Narrativa Visual e Literacia visual**

Nesse capítulo abordarei questões atinentes à narrativa visual e seu caráter eminentemente discursivo, ou seja, posicionado e à literacia visual entendida, aqui, tanto como competência crítica quanto como estratégia e processo de desenvolvimento dessa criticidade e da estesia.

### **2.1 Como perceber as narrativas visuais**

Narrativa é o ato de contar ou narrar histórias e está presente desde os primórdios da espécie humana quando a linguagem se desenvolveu. A narrativa faz parte da cultura e das tradições das sociedades tanto em forma de registro da história ou de conhecimentos como em forma de criação e explicação de fenômenos, fazendo parte das realidades e experiências individuais e coletivas. Logo, como bem observa Abreu (2012, p. 17), “Mais do que uma forma de comunicar nossas experiências, as histórias são essencialmente a maneira como entendemos nossa vida e nós mesmos, pois é através das narrativas que damos sentido ao mundo.”

Assim, por essa perspectiva, pode-se considerar narrativas visuais aquelas que se constituem como construção de uma história ou discurso a partir da imagem, seja ela no âmbito da arte ou da cultura visual. Essas construções podem influenciar compreensões de mundo subjetivas. Segundo a autora, as narrativas são um tipo de discurso específico que tem a intencionalidade como uma de suas principais características. Uma narrativa, portanto, não é neutra, ela possui pontos de vista que são carregados de experiências, crenças e valores: “(...) ao serem expressas, essas experiências ganham sentido, tanto para o narrador quanto para o narratário, que constroem, assim, o mundo que os cerca.” (ABREU, 2012, p.20).

### **2.2 A literacia visual no ensino das artes visuais**

Cumprido salientar, então, a importância do ensino das Artes Visuais como possibilidade de desenvolvimento da estesia – ou seja, da capacidade de vivenciar experiências estéticas – de forma mais autônoma e menos conformada pelas mídias. Esta estesia pode ser construída por meio da literacia visual, uma competência que

(...) Invoca a capacidade crítica da leitura aplicando-a, por comparação, aos sistemas sígnicos da visualidade e articulando-a com

outros modos sensoriais (...) permitindo assim refletir sobre as imagens enquanto artefatos culturais complexos. (CAPELOA GIL, 2011, pp.23-24).

Além de competência, a literacia visual é, também, entendida, aqui, como estratégia, já que pode ser desenvolvida processualmente tanto em sala de aula quanto em outros ambientes educativos como uma maneira de desenvolver essa consciência dos discursos e narrativas produzidos pelas imagens.

Então, considerando que as imagens possuem essa dimensão construída de valores e narrativas, a literacia visual busca analisá-las e interpretá-las criticamente, atentando não só para os discursos generalizantes e hegemônicos nos quais estamos inseridos, mas também para as possibilidades alternativas fora destes padrões de criação de ser e estar no mundo para, então, poder compreender suas influências em nossas vidas e como elas nos formam como sujeitos. Um exemplo disso é a hegemonia do discurso eurocêntrico no que se constitui como padrão de beleza no Brasil. Podemos perceber que os artefatos visuais da cultura da mídia impõem os padrões eurocêntricos de aparência – branco, alto, magro, geralmente loiro dos olhos claros – em protagonistas de novelas, desenhos animados e até apresentadores de programas infantis seguem, em sua maioria, esse padrão, como também ocorre com âncoras dos telejornais mais vistos e com cantoras do mundo pop.

Articulando o conceito de literacia visual ao contexto educacional, argumento, neste trabalho a favor de leituras de imagens mais completas (que explicarei à seguir nos próximos parágrafos). Assim, como aponta Jacqueline Chanda (2005) são algumas das metodologias de leituras de imagens, a iconologia, a semiótica, o estruturalismo, a história social da arte e o desconstrutivismo/pós-estruturalismo. Sem nos determos e tampouco nos aprofundarmos em cada uma dessas perspectivas/metodologias, uma vez que tal feito não é a finalidade deste trabalho, apresento, sucintamente, segundo Chanda (2005), cada uma delas, a saber, por meio da iconologia busca-se identificar significações culturais por trás das representações de cenas e objetos nas imagens, quase como uma forma de decodificar; já por meio da semiótica procura-se padrões de signos e compara-se com outras imagens para encontrar seu sentido; por meio do estruturalismo considera-se que existe relação da análise formal da obra com a estrutura de fenômenos culturais; enquanto que por meio da história social da arte discute-se a obra a partir do contexto social, histórico

e cultural daquele período retratado e por meio do desconstrutivismo/pós-estruturalismo faz-se questionamentos sobre a imagem, seus conteúdos e suas interpretações objetivando novos pontos de vista e significações para a obra. (CHANDA, 2005, pp. 64-78).

A meu ver essas abordagens descritas por Chanda (2005) acabam sendo limitadoras e demasiadamente específicas se escolhermos apenas uma delas. Dentro do contexto escolar, acredito que para uma leitura de imagem mais completa e ampla podemos articular várias dessas abordagens considerando os níveis de desenvolvimento dos estudantes, realizando as análises por diferentes aspectos, de modo a colaborar para a fruição/interpretação. Por outras palavras, a leitura pode ser feita por meio do estudo dos fundamentos da linguagem visual em conjunto com a análise do contexto social e histórico da imagem, assim como a análises iconográficas e simbólicas.

Dessa forma proponho que a leitura comece a partir dos aspectos formais da obra, como cores, direção da composição, linhas principais, profundidade, perspectiva, contrastes, entre outros. Após essa fase se realizaria a descrição da imagem e seus componentes, ou seja, dos elementos que compõem a imagem e a relação desses elementos no espaço imagético, apenas apontando o que estamos vendo. Só então começamos a relacionar esses aspectos formais a sensações e também ao contexto social e histórico para, então, podermos fazer a interpretação. Há, neste momento, a oportunidade de estabelecer relações entre o tempo histórico do artefato visual e o nosso, entre diferentes sociedades, entre global e local, de forma a promover pontos de contato entre o indivíduo (seja ele o professor ou o estudante), sua coletividade e a imagem que se está a fruir. Essas leituras podem ser feitas tanto a partir de obras de arte como de imagens outras da cultura visual. Por exemplo, os alunos podem trazer imagens de revistas, livros, posters, entre outros, que sejam de suas preferências ou que lhe chamaram atenção para fazerem esse exercício de análise e interpretação, visando inclusive fazer comparações entre as composições artísticas e de cultura popular ou da industrial cultural.

### **2.3 Demonstração da leitura de imagem**

Esclarecendo e elucidando a leitura de imagem que descrevi anteriormente.

Realizarei, então, a leitura de imagem tomando como objeto uma ilustração da artista Marion Barraud em uma série sobre o inverno.



Figura 1: Ilustração Winter (in progress), de Marion Barraud. 2017.

Fonte: <https://www.behance.net/marionbarraud>

Acesso em: novembro de 2018.

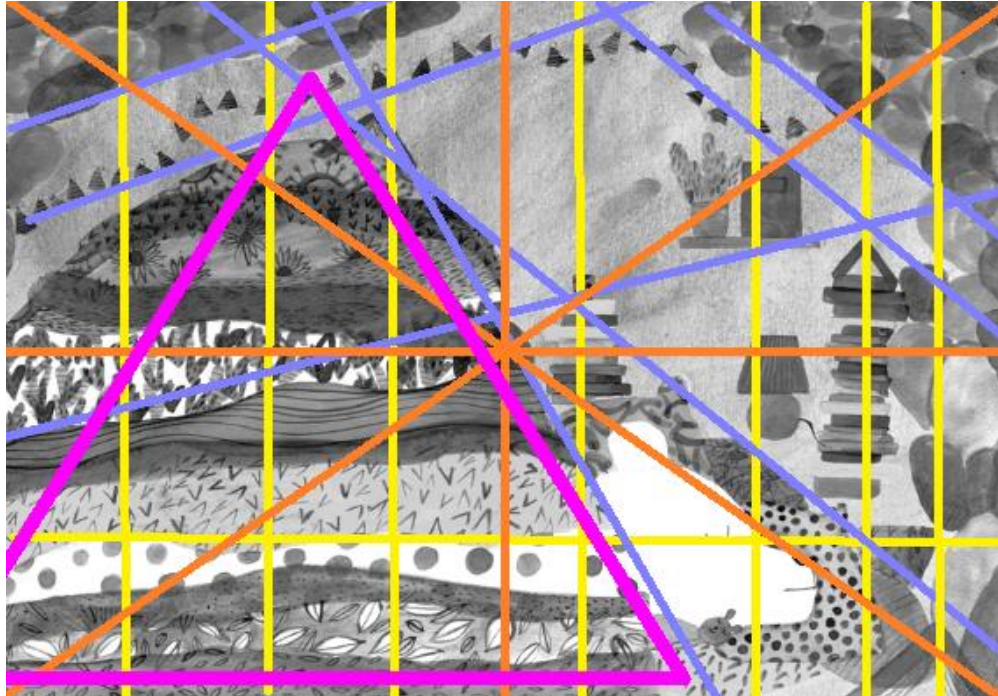


Figura 2: Imagem do behance<sup>1</sup> da ilustradora Marion Barraud modificada por mim.

<sup>1</sup> Behance é uma rede de sites e serviços para divulgar e promover trabalhos de artistas, designers, ilustradores, incluindo consultoria e sites de portfólio online.

Primeiramente, então, faremos a análise dos aspectos formais. Nesta imagem podemos observar dois planos, o fundo e as figuras principais à frente. A imagem é chapada, sem perspectiva linear, a diferença de planos se dá pelas cores usadas e diferença de detalhamento. O fundo é menos detalhado e mais escuro com cores frias e manchas e as figuras à frente são mais detalhadas e com muitas cores diferentes e mais quentes formando contraste. Após traçar os eixos centrais (em laranja) e linhas principais (em amarelo, rosa e lilás), percebemos que ela é composta, em seu primeiro plano, principalmente por uma pirâmide (rosa) e linhas verticais e horizontais (em amarelo) dando estabilidade, e que o fundo e detalhes secundários são compostos por diagonais (em lilás), que trazem uma leve sensação de movimento. Outro fator que contribui para essa sensação de movimento são as ondulações das linhas presente nesse monte de cobertores em cima do urso, principalmente nas ondas de várias cores que parecem se agitar, uma em cima da outra, sobre a figura animal. A figura principal e que ocupa maior espaço está ao lado esquerdo do plano e na parte de baixo, concentrando o peso da imagem nessa região e fazendo com que a leitura seja feita da esquerda para a direita. Além disso, há utilização de transparência e de várias texturas, passando a sensação de leveza.

A segunda parte da análise é a descrição dos elementos. Vemos na ilustração no plano principal uma figura que parece ser um animal com olhos fechados, ele está sobre alguns objetos de formato quadrado e coberto por camadas diferentes que parecem ser de tecidos. Ao fundo vemos objetos relacionados a um ambiente doméstico. Ao redor manchas que fazem uma margem na imagem.

Após essas duas análises vem a terceira e última parte que é a interpretação da imagem. A ilustração retrata um urso dormindo, animal conhecido por hibernação no inverno. Ele está coberto por muitos cobertores e possui um semblante calmo, ao seu lado um pequeno animal de pelúcia e ao redor há várias almofadas, o que nos mostra uma situação de conforto e relaxamento. Ao seu redor vemos vários livros, uma caneca de onde sai fumaça, luminária, luzinhas de enfeite e uma prateleira com planta, dando a entender que ele está em sua casa. A imagem passa sensação de conforto, delicadeza e calma. Sugere que o urso está aproveitando a estação de inverno para descansar e fazer atividades mais introspectivas como ler livros, ficar em casa, tomar um chá, entre outras. Logo após podemos relacionar essas sensações



às nossas experiências individuais ou coletivas, compartilhando vivências e trocando ideias com a turma.

#### **2.4 Literacia visual: desenvolver por meio da prática artística**

Além da análise de imagens, são muito importantes para o desenvolvimento da literacia visual a prática artística em sala de aula, o contato com diversos materiais e a produção de composições diferentes promovendo a experiência estética tanto por meio da leitura de imagens como por meio da composição e criação. Por exemplo, ao trabalhar os materiais podemos pensar no significado e sentido que ele pode ter dentro da linguagem visual, trazendo mais força para aquilo que se deseja expressar. Para entender melhor a importância do material, vamos observar seu uso em obras de arte como a série “Crianças de Açúcar” (1996) de Vik Muniz, na qual o artista utiliza o próprio açúcar para retratar crianças com pais que trabalham em lavouras de cana de açúcar e, assim, chamar atenção para a doçura da infância em contraste com o seu provável futuro, amargo e exaustivo na lavoura.



Figura 3: “Valentina, a veloz” da série Crianças de açúcar, de Vik Muniz, 1996  
Fonte: <http://bit.ly/2DplB0k>  
Acesso em: Setembro de 2018.

No livro lustrado “Moi, J’attends” de 2005, feito por Serge Bloch e Davide Cali, também há essa relação. O livro trata de situações que todos experienciamos ao longo da vida, do nascimento à morte. Para ilustrá-lo os artistas se inspiraram em uma lenda chinesa, a do “Fio Vermelho”, que seria o fio do destino que recebemos amarrado em nós quando nascemos, mas é invisível para humanos. A partir dessa

inspiração foi usado na ilustração um fio vermelho de lã, que está presente em toda a história, o que causa uma continuidade nos desenhos e uma simplicidade poética.

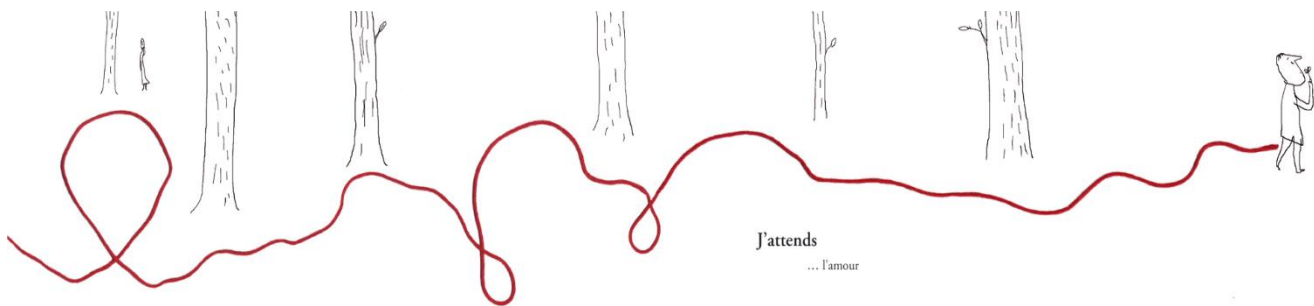


Figura 4: Ilustração do livro “Moi, J’attends” de Serge Bloch e Davide Cali, 2005.

Fonte: <http://editions-sarbacane.com/moi-jattends-2/>

Acesso em: Setembro de 2018.



Figura 5: Ilustração do livro “Moi, J’attends” de Serge Bloch e Davide Cali, 2005.

Fonte: <http://editions-sarbacane.com/moi-jattends-2/>

Acesso em: Setembro de 2018.

Os diferentes materiais utilizados em uma ilustração também colaboram para seu potencial narrativo, mais uma vez, contribuem para a atmosfera que se quer sugerir ao leitor. Concordo com o que diz Nannini (2007, p.81) acerca da criação da imagem, que “(...) pode ser criada a partir de diversas técnicas. Essa variedade no uso de técnicas vai enriquecer o universo visual da criança, estimulando sua percepção e sua própria criação plástica”. Cumpre tessaltar que essa diversidade possibilita o enriquecimento do olhar, não só da criança, mas de qualquer pessoa que entre em contato com essas imagens.

Na sala de aula, o desenvolvimento de uma prática em consonância com o

contexto dos alunos precisa ser valorizada. Em seu artigo “Imaginando um futuro para a Educação Artística”, Imanol Aguirre (2015) relata a importância de aproximar o ensino à realidade vivida pelas crianças e jovens, pois o afastamento dos conteúdos curriculares de suas vidas fora da escola resulta um ensino vazio, cheio de informação, mas sem significância e sentido para os alunos, o que não favorece o processo de construção do senso estético, do conhecimento, da consciência crítica e por conseguinte, da agência transformadora.

A conexão entre os materiais curriculares e os repertórios estéticos juvenis é completamente deficitária ou nula. Com isso os produtos da alta cultura e as artes visuais perdem possibilidade de ser uma ferramenta relevante para a experiência vital desses jovens. De tal forma que, longe de serem catalisadores ou impulsores de experiência estética, passam a formar parte desse conjunto de saberes escolares alheios ao seu mundo e completamente inoperantes como configuradores de sua identidade (AGUIRRE, 2015, p.3)

Assim sendo, é de grande importância que, na ação educativa, se promova a aproximação dos materiais curriculares aos repertórios estéticos das crianças e jovens. Essa aproximação pode ser feita ao relacionar as obras de arte e seus contextos à realidade dos alunos, às suas percepções como sujeitos e às suas vivências quer individuais quer coletivas (seu contexto social, experiências e questionamentos relacionados à faixa etária e momento de vida), como também ao possibilitar a inclusão de objetos estéticos e artísticos que fazem parte de seu repertório visual e que possam trazer também variedade e acrescentar conhecimento e experiências, desenvolvendo, assim, a estesia.

## Capítulo 3: A ilustração e suas potencialidades

### 3.1 Funções da ilustração

Afinal o que seria a ilustração? Com base na definição de senso comum, o de utilizar o desenho narrativo exclusivamente para esclarecer e instruir um escrito, podemos entender a ilustração como um veículo de facilitação da compreensão de um texto, algo que possui uma função específica e objetiva de, por meio do desenho, exemplificar o texto escrito. De fato, ainda existem publicações de toda sorte de natureza – didática, paratidática, literária – pautadas por esse modelo do senso comum na contemporaneidade, em que seu papel é predominantemente ser fiel ao texto, buscando ser o mais óbvio possível, com caráter didático, ou buscando trazer leveza e momentos de pausa para o texto como nas imagens a seguir:

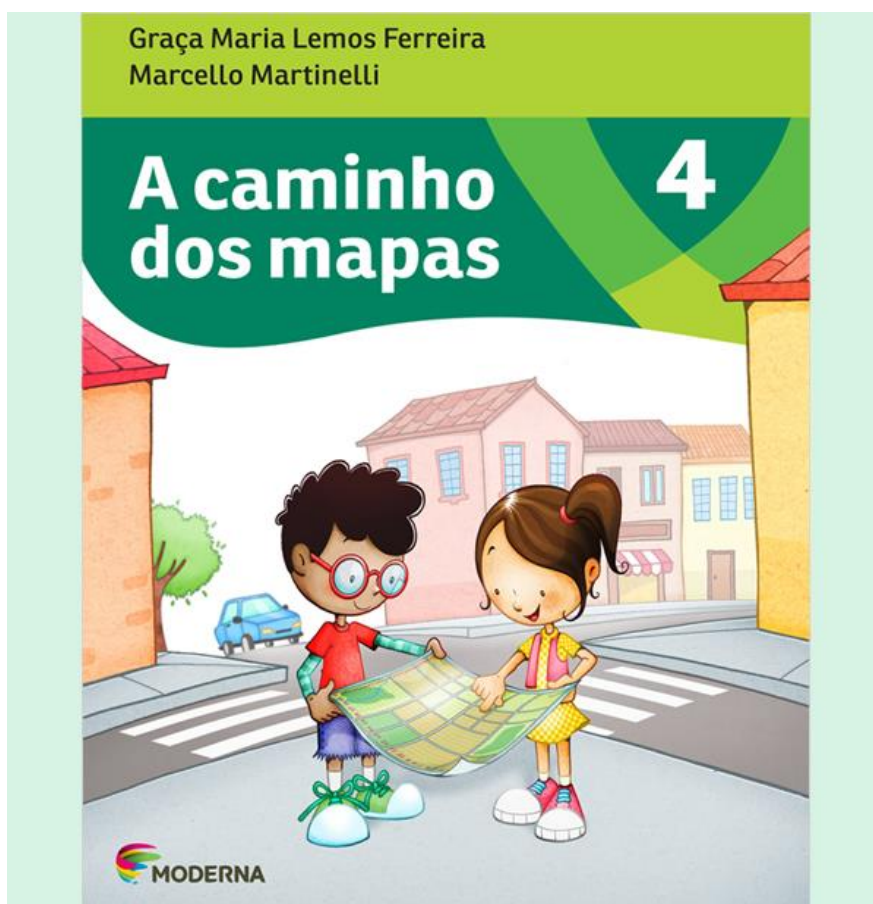


Figura 6: Ilustração de Alexandre Matos para capa coleção “A Caminho dos Mapas Ed.Moderna, volume 4”, 2013

Fonte: <http://www.alexandrematos.com/ilustracao/>  
Acesso em: outubro de 2018.

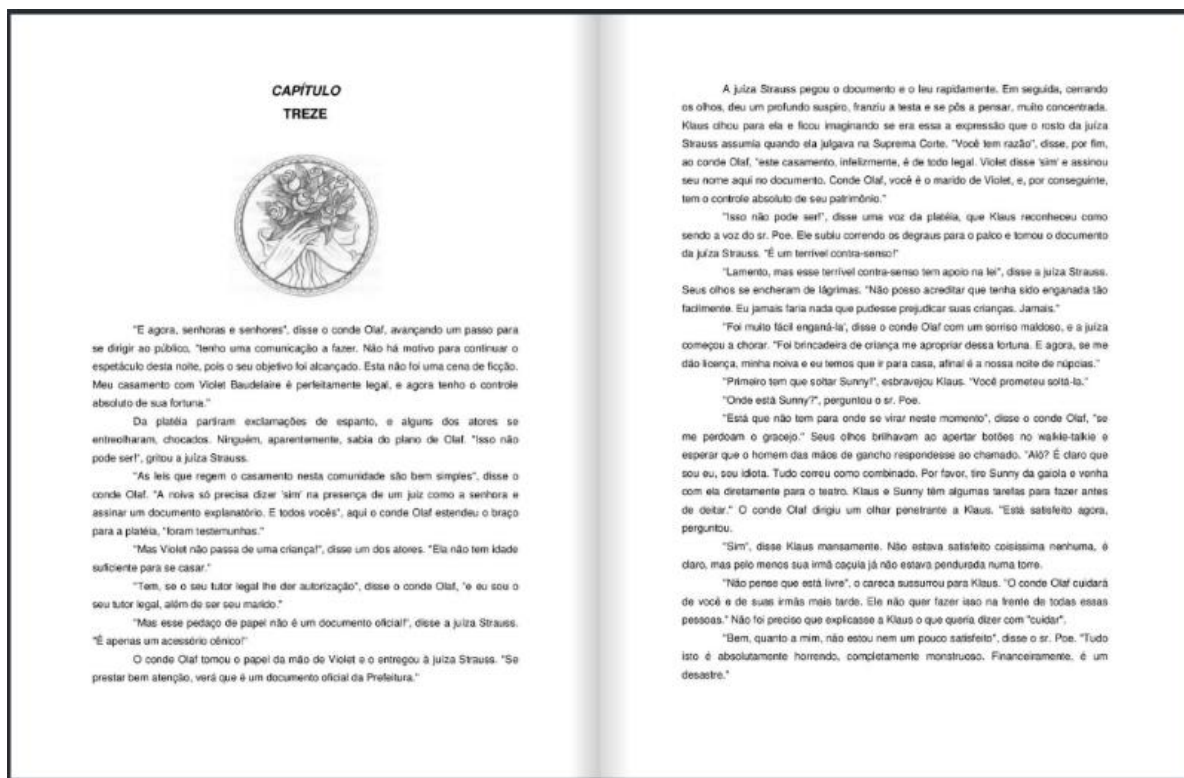


Figura 7: Ilustração de Brett Helquist do livro "Desventuras em Série: Mau Começo", 2001.

Fonte: <http://bit.ly/2qPSM5A> Acesso em: outubro de 2018.

Essas publicações, segundo Ricardo Azevedo (2008, p.193), são livros-texto ou livros texto-imagem, em que a presença da imagem é quase inexistente e quando se apresenta ocupa um plano secundário, no qual sua presença não tem muita importância para a compreensão total da mensagem. Por outras palavras, se retirarmos a imagem não faz diferença. Já o conceito de ilustração a que me refiro e proponho aqui não se limita a isso, uma vez que, na perspectiva que assumo, uma dada ilustração não possui apenas essa única função, mas busca propor à imagem que faz parte de um livro uma expressão artística suficiente em si mesma e capaz de promover uma experiência estética. Para isso os modelos de livros ilustrados propostos neste trabalho, ainda baseados nas classificações de Ricardo Azevedo (2008, p.193), são os livros mistos, nos quais a imagem e texto atuam juntos e necessitam um do outro para serem uma obra completa; os livros imagem-texto, em que a imagem ocupa o plano primário e o texto atua como pequenas sugestões e insinuações e o livro imagem, no qual não há presença de texto escrito. Como ressalta Prades (2017):

A produção de livros ilustrados ousados, que trazem desafios visuais

inovadores e investigam possibilidades expansivas de interpretação é abundante no mundo inteiro. A valorização e a pesquisa direcionada à qualidade das imagens e potencial artístico do livro ilustrado ganha cada vez mais espaço. (PRADES, 2017, p.1851).

A ilustração contemporânea ganha campo nas artes com composições criativas e inovadoras. Cabe, pois, elencar alguns eventos acadêmicos que têm se ocupado dessa forma de expressão, o que acaba por fomentar seu crescimento no campo das artes. Entre esses eventos, destacam-se a Ilustrarte bienal de ilustração em Lisboa, já em sua 8 edição este ano; o Congresso Internacional Arte, Ilustração e Cultura Visual na Educação Infantil e Primária, em sua 4 edição, em San Sebastian na Espanha; o Colóquio “É então isto para crianças?” em Lisboa, Portugal no qual diferentes expressões artísticas, incluindo a ilustração, foram discutidas; a Feira Dente, feira de publicações independentes (muitas delas ilustrações), um evento anual realizado desde 2015 em Brasília; a exposição “Ilustração como porta para o mundo” no Sesc São Paulo realizada em 2018 e a famosa Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bolonha, na Itália uma referência mundial de ilustração.

Boa parte desses livros ilustrados possibilitam enriquecer o repertório visual infantojuvenil por meio da experiência estética, pois, além de somar à narrativa aquilo que não pode ser dito em palavras, também acrescenta uma atmosfera sensorial, poética e estética. Atualmente, segundo Ramos e De Paiva (2014), os livros constituem-se nessa potência de experiência sensorial, poética e estética, uma vez que:

[...] Apostam em performances visuais e sensoriais, os quais têm potencial para estimular nas crianças a transmissão de ideias por meio de suas formas, impressões/acabamentos, dobraduras dimensionais e significações múltiplas. (RAMOS e DE PAIVA, 2014, p.431).

Por essa perspectiva a ilustração pode ser compreendida como uma linguagem visual independente com potencial narrativo próprio, e não apenas como complementação ou ornamentação de um texto escrito. Utilizando-se da composição do espaço, cores, texturas e formas para exprimir, a ilustração tem capacidade de gerar sensações e percepções e, assim, apresentar ao leitor história(s). Desta forma, a ilustração possibilita estimular a criatividade e o imaginário do leitor a partir de narrativas possíveis, além de instigar a percepção e as noções de composição visual, pois suas características formais e visuais propiciam contato com essa área de conhecimento. Como expressam Godinho e Filipe (2016), as ilustrações



[...] são imagens que contam histórias. Feitas por artistas plásticos que optam pela página como tela, pelo livro como galeria. Obras autônomas que comunicam com o espectador muito além do texto que esteve talvez na sua origem, múltiplos de arte, de acesso mais fácil e generalizado. Feitas para a infância. Também, mas feitas para todos, para “ver e não ler”, como qualquer outra arte, em qualquer instante da vida. (GODINHO e FILIPE, 2016, p.8)

Neste trabalho, portanto, a ilustração é entendida como uma expressão artística com potencial a ser explorado no ensino das artes visuais, seja no ensino regular ou em oficinas ou escola fora do ensino formal.

### **3.2 O potencial da ilustração no ensino das artes visuais**

Considerando que visitas a museus e a galerias de arte não costumam ser práticas frequentes para o grande contingente de estudantes brasileiros da educação básica, a ilustração, no mundo da criança e do jovem, pode ser uma forma mais próxima de contato com produções artísticas. Isso em função da facilidade de acesso e da maior possibilidade de convivência com livros ilustrados, animações e ilustrações em mídias sociais (como em páginas do instagram, facebook e behance dedicadas à arte). Como já mencionado, Imanol Aguirre (2015, p.3) defende uma educação em arte que dialogue com a realidade dos alunos. Assim, a escolha do território a se abordar, segundo Aguirre, deve ser feita não apenas por sua popularidade ou aceitação na vida dos alunos, na mídia ou no poder, mas também:

Pela capacidade de entrelaçar os sujeitos em experiências educacionais, pela capacidade de propiciar transformações pessoais, de formar critérios, de enriquecer a experiência estética, de ampliar conhecimento de si mesmo e de outros, pela possibilidade de gerar tramas com causas próprias e alheias ou de suscitar o ânimo compassivo. (AGUIRRE, 2015, p.5)

Por esse motivo escolhi o livro ilustrado e as ilustrações, pois promovem ao público infanto-juvenil experiências interpretativas diversas, estimulando a criatividade e imaginação. Além disso, por meio de livros ilustrados e de ilustrações podem ser suscitadas abordagens de diversos temas transversais importantes cujas discussões podem ser realizadas seja em ambiente escolar seja extraescolar, o que contribui não só para o desenvolvimento da estesia, mas também para a formação integral do sujeito. Alguns temas transversais possíveis e de extrema relevância seriam o bem-estar comum, identidade de gênero, diferentes tipos de beleza (fora



dos padrões da mídia), relação com o corpo, preservação do meio-ambiente. O livro *Primeiro cresci no coração* (2013), escrito por Filipe de Bruxelas e ilustrado por Pedro Rosa, por exemplo, aborda a diversidade familiar e suas possíveis composições, os fundamentos básicos de uma família, quais sejam, assim como o amor e o cuidado. Sua história retrata uma menina de 5 anos que foi adotada por dois pais, um sueco e um português. Ela descreve seus pais de maneira criativa como qualquer criança, sempre demonstrando o carinho e amor que devem habitar em uma família.

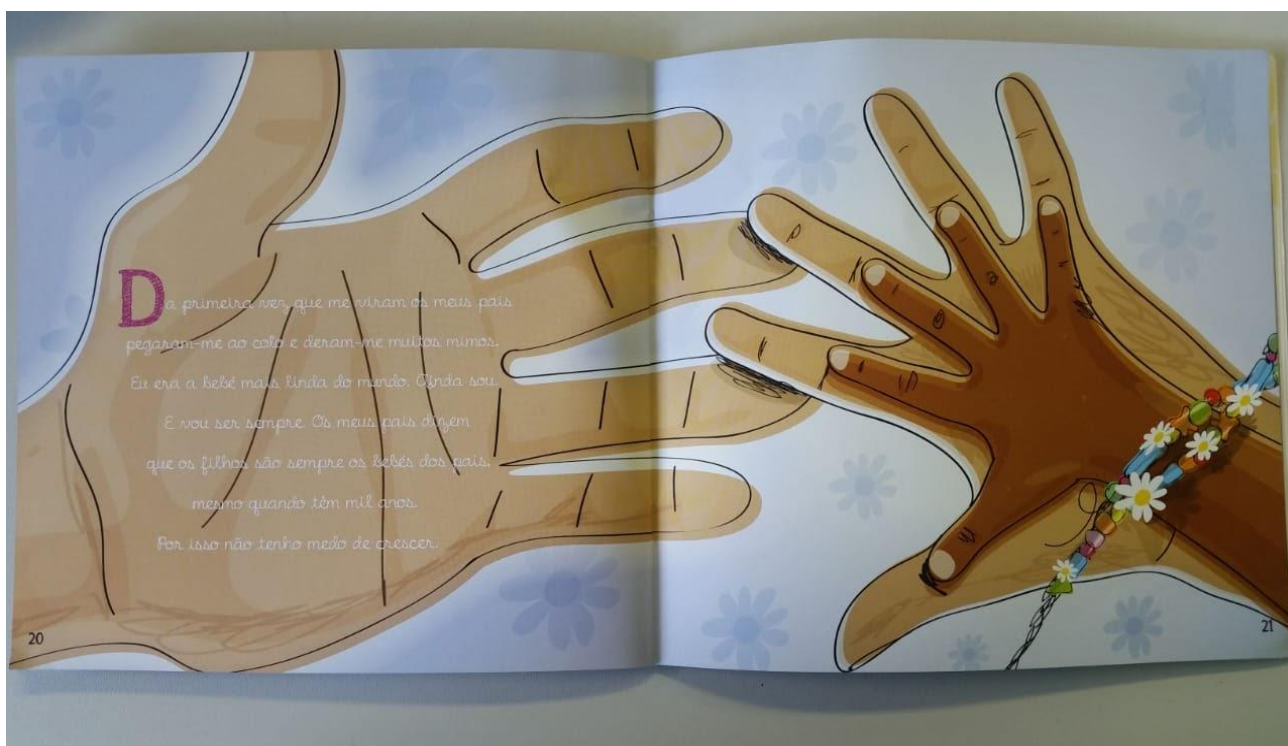


Figura 8: Ilustração de Pedro Rosa do livro “Primeiro cresci no coração”, 2013.  
Fonte: Fotos tiradas do livro BRUXELAS, Filipe de; ROSA, Pedro. **Primeiro cresci no coração**. Ed. ILGA, Lisboa, 2013



Figura 9: Ilustração de Pedro Rosa do livro “Primeiro cresci no coração”, 2013.  
Fonte: Fotos tiradas do livro BRUXELAS, Filipe de; ROSA, Pedro. **Primeiro cresci no coração**. Ed. ILGA, Lisboa, 2013

É importante destacar a escolha de livros que acrescentem à experiência estética e também que tragam histórias construtivas e diferentes das contadas pelas mídias massificadas. Como destaca a escritora nigeriana Chimamanda Adichie em seu TED Talking<sup>2</sup>, quando fala do perigo das histórias únicas e como isso pode limitar a compreensão e visão de mundo. Ora, se contarmos apenas um lado ou um fato de uma história ou ao repetir sempre os mesmos personagens, características e contexto estamos formando pessoas condicionadas a essas histórias e limitando suas experiências para além disso. Também é importante a necessidade de apresentar diferentes tipos de ilustrações: das mais factuais às menos realistas, das que completam o texto e das que o extrapola. Por oportuno, apresento alguns exemplos de estilos de ilustração:

2 Vídeo da palestra <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg> acesso em outubro de 2018:





Figura 10: Ilustrações de Andrea Ebert do livro “A vassoura do ar encantado”, 2012.

Fonte: <https://www.andreaebert.com/> Acesso em: outubro 2018

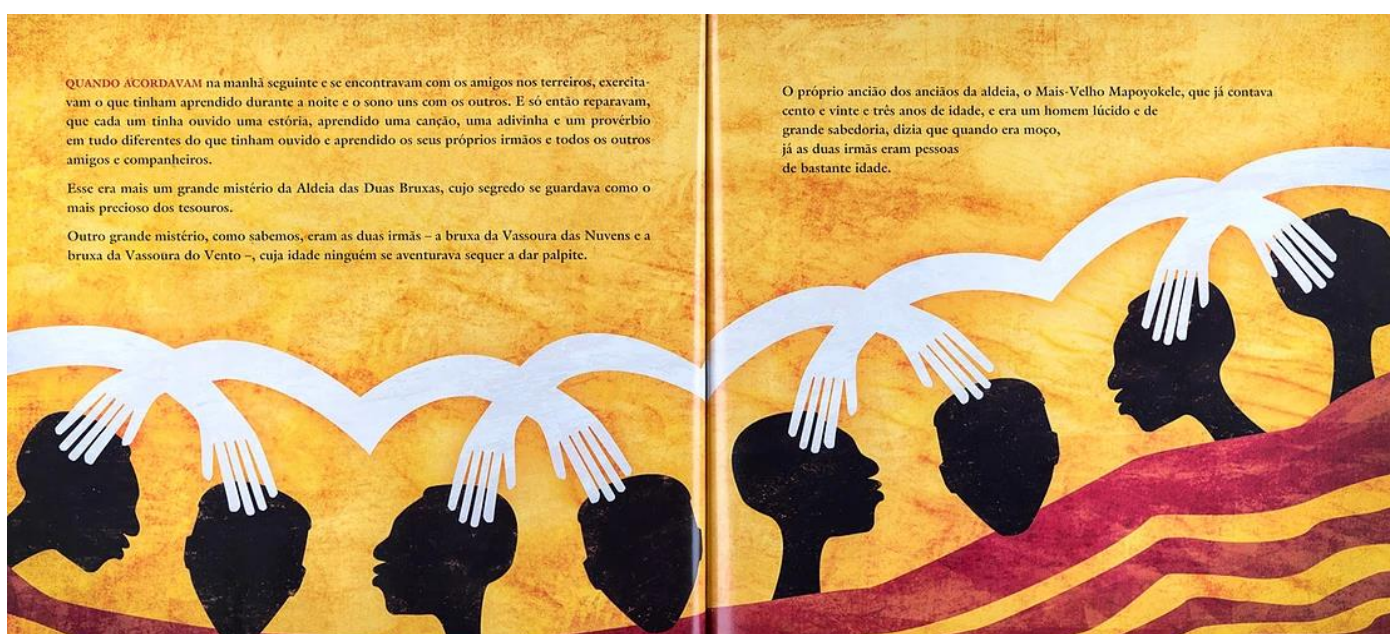


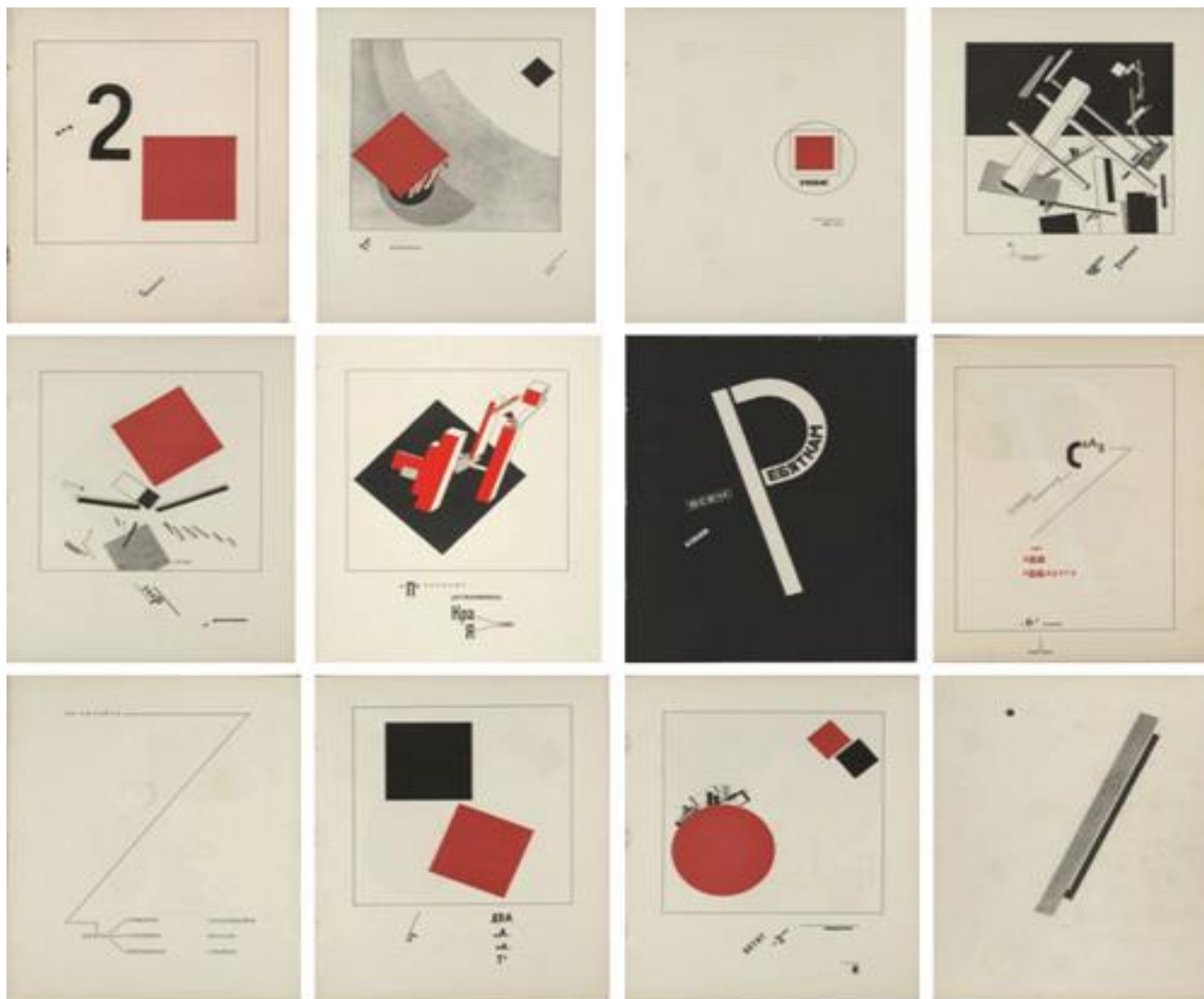
Figura 11: Ilustrações de Andrea Ebert do livro “A vassoura do ar encantado”, 2012.

Fonte: <https://www.andreaebert.com/> Acesso em: outubro 2018

Nas ilustrações de Andrea Ebert percebemos figuração, um desenho gráfico e sem profundidade, uso de cores abertas e contraste além da simplificação das formas.

Já, nas ilustrações de Miró e El Lissintzky, percebemos imagens abstratas e um uso de cores pradronizado – cores primárias, branco e preto. Em Miró, as formas são orgânicas e fluídas, enquanto que, em Lissintzky, as formas são geométricas e

organizadas.



**El Lissitzky. A História de dois quadrados, 1922.**

Figura 12: Ilustrações de El Lissitzky do livro “A história de dois quadrados”, 1922.

Fonte: <http://bit.ly/2QQap0x> Acesso em: outubro de 2018



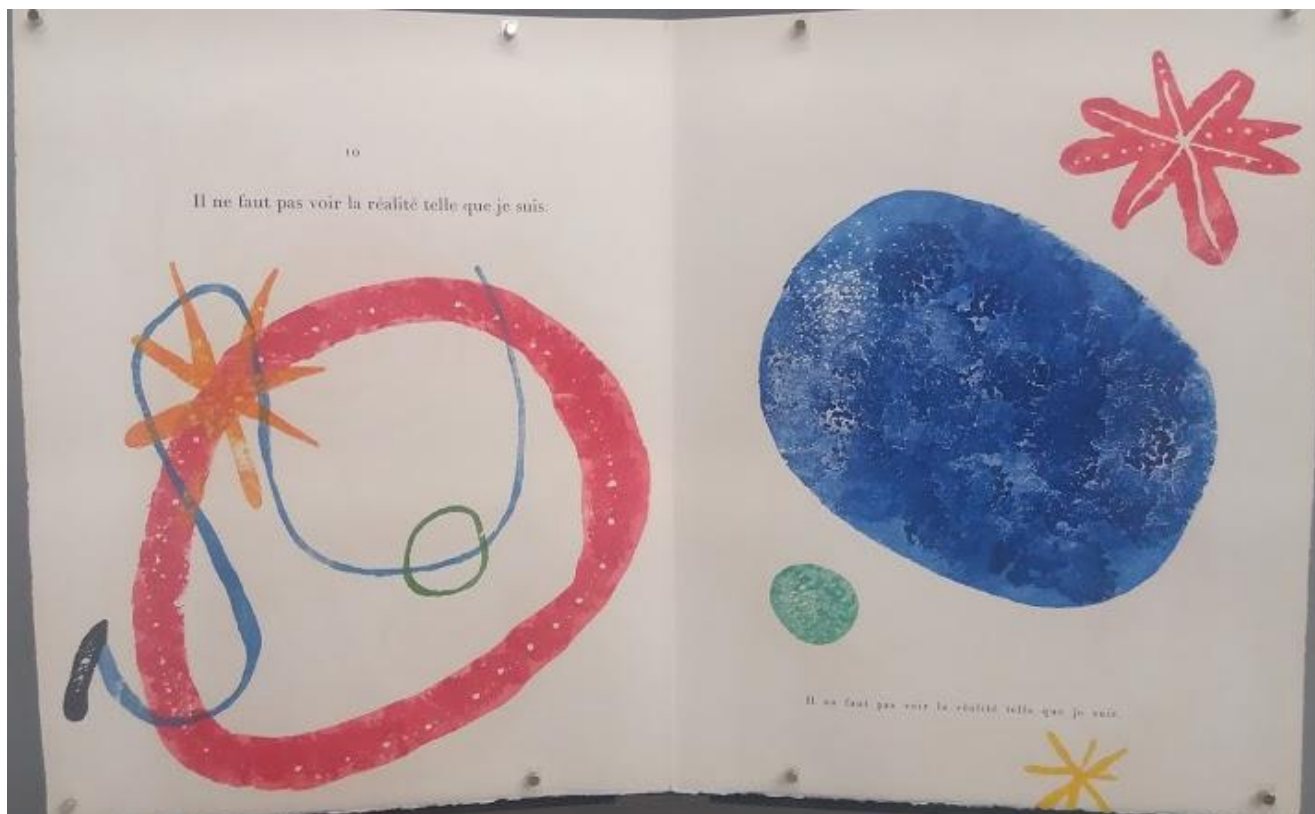


Figura 13: Ilustração de Joan Miró do livro "À toute épreuve", 1958.  
 Fonte: Foto própria da exposição Miró. Retrospective (out. 2018 - fev. 2019) Grand-Palais, Paris

As ilustrações de Yumi Sakugawa e Agathe Sorlet utilizam do branco do papel como parte da composição, brincando com o vazio e o preenchimento. Ambas com formas esquematizadas, gráficas e figurativas. Podemos notar a diferença das ilustrações ao analisar as composições. Sakugawa compõe de maneira extremamente detalhista e minusciosa, em contrapartida, Sorlet ilustra de maneira direta e simplificada.



Figura 14: Ilustração de Yumi Sakugawa do livro “Your Illustrated Guide to Becoming One with the Universe”, 2014.

Fonte: <http://www.yumisakugawa.com/> Acesso em: novembro de 2018



Figura 15: Ilustração de Agathe Sorlet "Sunday with you"  
Fonte: < agathesorletshop.com > Acesso: novembro de 2018.

Todas essas imagens são ilustrações e transmitem diferentes atmosferas, sentidos e sensações por meio de variados estilos e formas de compor dos artistas. Como já mencionado, ilustrações como essas podem ser usadas em sala de aula de

diversas maneiras, a variedade é importante para que o desenvolvimento da estesia e das habilidades de leitura de imagem não seja limitado a um padrão e que o aluno tenha acesso à variadas possibilidades de fruição bem como uma ampliação repertório visual.

Percebemos, então, que o livro ilustrado e ilustrações possuem potencial a ser explorado quando inserido no ensino das artes. Ele possibilita gerar experiência estética, explorar literacia visual por meio das leituras de imagem e das discussões de temas transversais importantes para a formação do sujeito crítico e sensível.



## **Capítulo 4: A ilustração em sala de aula: uma breve revisão da literatura**

Trago aqui algumas experiências já realizadas em sala de aula ou ambiente educativo extra-escolar por professoras de arte e ilustradoras a fim de demonstrar as diferentes possibilidades de uso de ilustração ou de livros ilustrados na educação. Conheci essas experiências por meio do Congresso Internacional de Arte, Ilustración y Cultura Visual en Educación Infantil y Primaria, em San Sebastian, do qual participei como ouvinte. Seleccionei então as experiências que correspondem às propostas e perspectivas apresentadas aqui neste trabalho. Então, dividi as experiências entre as realizadas no Brasil e as realizadas no exterior.

### **4.1 Experiências realizadas no Brasil**

No artigo “O livro ilustrado e o ensino das artes visuais”, as autoras Estrela dos Santos e Marly Amarilha (2018) contam sua experiência acerca do uso de ilustração em sala de aula. O projeto foi desenvolvido em uma escola de ensino infantil (crianças de 4 a 5 anos), ocasião em que as duas ilustradoras foram convidadas pela escola a propor uma oficina, que foi realizada em duas aulas. Na primeira, elas começam conversando com as crianças sobre o processo de criação dos ilustradores e suas escolhas criativas, por exemplo os diversos caminhos de criação e materiais que podem ser usados. Após a conversa, as crianças seguem para uma prática no ateliê. Como o tema trabalhado pelo grupo no momento era “Piratas”, elas propuseram que cada criança inventasse e desenhasse seu pirata com lápis e papel. Ao verem desenhos pouco desenvolvidos (explorando pouco o espaço da folha e sem muitos detalhes) as ilustradoras resolveram mudar de estratégia. Pegaram, então, um livro ilustrado com retratos de personagens diferentes (incluindo o de um pirata) e começaram a analisar as imagens junto com as crianças por meio de perguntas guiadas sobre as composições formais. Após essa análise elas perceberam que os desenhos começaram a ter mais detalhes e a preencher mais a folha.

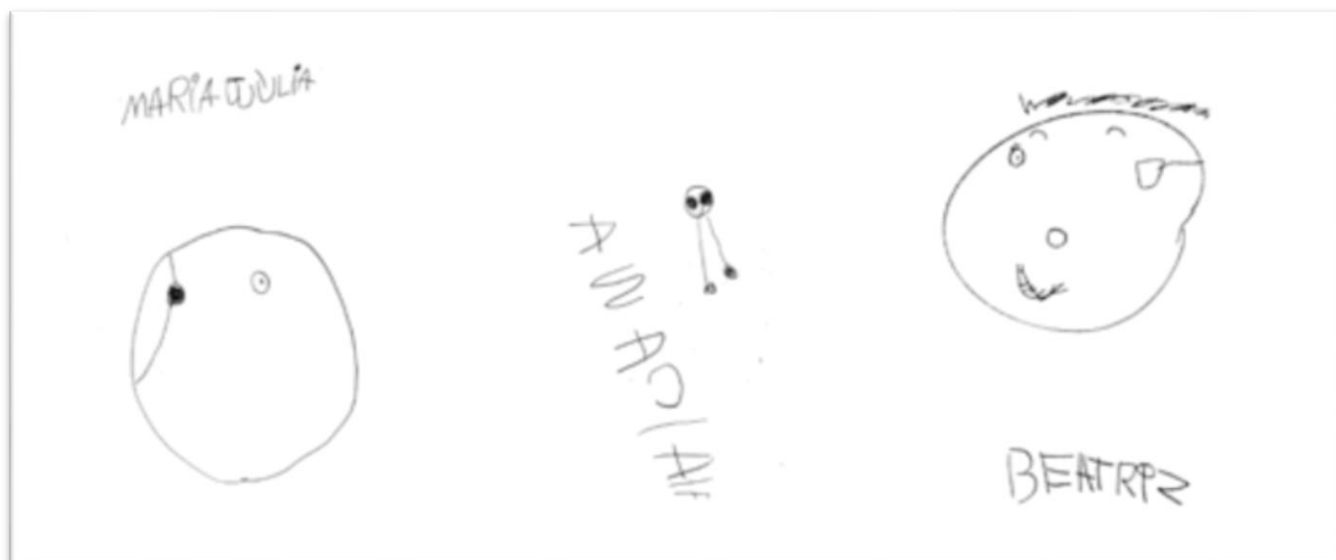


Figura 16: Primeiros desenhos realizados por algumas crianças após conversa sobre processos criativos. Fonte: imagens recolhidas do artigo Acesso: dezembro de 2018

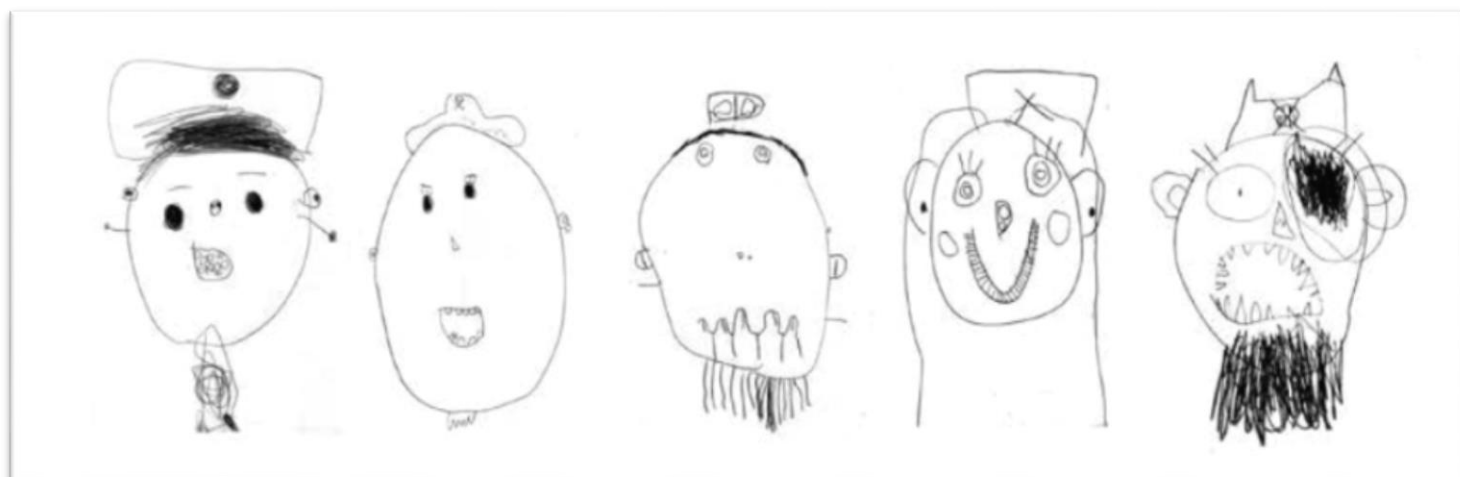


Figura 17: Desenhos realizados por algumas crianças do após ver o livro "Telefone sem fio" e analisar imagens. Fonte: imagens recolhidas do artigo Acesso: dezembro de 2018

Na segunda aula, elas começaram já com essa estratégia, selecionaram outro livro ilustrado, ainda com a temática de piratas, e fizeram a leitura do livro junto à análise de imagens com as crianças. Após a leitura conversaram sobre a criação de personagens acrescentando questões sobre a vida delas (onde moram, características de personalidade, do que gostam...). Seguiram, então, para a prática novamente, pintaram seus personagens piratas em tela com tinta guache. Notou-se após a segunda leitura mais detalhamento nas produções. Ao final das atividades as

crianças se juntaram em roda para compartilhar suas experiências. O estudo concluiu que a ilustração possui um potencial didático e levantou outras questões relacionadas ao processo didático.

Considerando o registro desse processo, podemos perceber que a introdução da análise de imagem por meio do livro ilustrado foi essencial para uma melhor desenvoltura das produções dos alunos. A análise de imagem possibilitou uma melhor compreensão da atividade prática e composições mais criativas e minuciosas.

No artigo “Leitura de livros-imagem a partir de oficinas de arte na cidade de São Paulo”, Camila Feltre (2018) relata sua experiência durante seu projeto de oficinas de leitura de livros-imagem desenvolvido na cidade de São Paulo. São oficinas com pessoas de todas as idades em que a pesquisadora realiza leituras coletivas, em roda, e os participantes compartilham suas leituras e interpretações. Em um segundo momento, ela propõe um tempo para leituras individuais e coloca-se à disposição para qualquer dúvida, questionamento ou partilha. Ela notou algumas dificuldades quanto às leituras, em um primeiro momento, muitas crianças relataram que “não dava para ler, pois o livro só tinha imagens”. Feltre, então, ia guiando a leitura por meio de perguntas sobre a imagem até que a criança pudesse criar sua própria história. Segundo Camila, o livro-imagem possibilita inúmeras leituras e criações de história, pois estas estão relacionadas às experiências de cada leitor. “Desta forma, a leitura de imagem pode estimular os sujeitos a uma percepção mais apurada, atenciosa e consciente frente às imagens que nos rodeiam, nos ajudando a compreender o quanto podem nos influenciar e nos afetar” (FELTRE, 2018, p.249).

Nessa experiência a autora não executa atividade prática, mas podemos perceber o desenvolvimento da literacia visual dos participantes que ao começar a oficina diziam não ser possível ler, já que o livro não tinha palavras. Entretanto, após algumas leituras guiadas, já conseguiam fazer suas próprias interpretações e inventar histórias diversas. A mediação de Camila foi muito importante para que esse processo acontecesse.

## **4.2 Experiências realizadas no exterior**

As professoras Carmen Franco-Vasquez e Verónica Pousada Pardo contam

no artigo “Hilos y Ovillos: una propuesta de educación literária y artística” suas propostas de uma atividade partindo da leitura e análise de um livro ilustrado. O conteúdo específico de fundamentos da linguagem visual a ser trabalhado seria “a linha”, elas escolheram então o livro *O fio* de Gracia Iglesias com ilustrações de Rosa Osuna. O livro conta a história de um menino que tenta tirar um fio que sai de sua roupa e este fio não tem fim, está ligado a tudo que o rodeia de pequenos objetos até árvores e nuvens, demonstrando diferentes percursos e formatos compostos por linhas. Após a leitura visual e análise com os alunos, as professoras trazem como referência artistas que trabalham com fios e tecidos como Susan Lenz e Chiharu Shiota, mostrando suas obras e percursos criativos e relacionando-os às ilustrações de Rosa Osuna. Após essas duas etapas, elas então partem para a atividade prática com vários novelos de lã coloridos explorando textura, cores e percepção das linhas e possíveis caminhos e curvas junto à confecção de desenhos feitos apenas com linhas e diferentes materiais.

A meu ver esta proposta de atividade é bastante completa, por isso significativa, pois envolve diferentes linguagens visuais ao relacionar as ilustrações de Rosa Osuna com as instalações artísticas de Susan Lenz e Chiharu Shiota que abordam um mesmo tema (linhas, entrelaçar, percursos), o que possibilitou a ampliação do repertório visual e criativo dos alunos. Ao finalizar com a atividade prática os alunos se tornam ainda mais envolvidos com o conceito de linha e têm a oportunidade de experienciar diferentes texturas e composições, relações com o espaço, cores, contrastes se tornando eles mesmos os artistas e desenvolvendo estesia.

A ilustradora Nívola Uyá criou projetos de confecção de álbuns ilustrados desenvolvidos em três locais e contextos diferentes. Uyá descreve, em seu artigo “Album ilustrado participativo: una herramienta de cambio social” (2018), suas variadas propostas e experiências. Ela defende o álbum ilustrado como um importante agente educativo para desenvolvimento de capacidades literárias, artísticas e sociais. O processo de produção do álbum consiste em criar histórias, personagens e ambientes, planejar ritmo e sequência, escolher técnicas artísticas adequadas, criar ilustrações (incluindo a capa e a guarda), tudo feito por etapas e por meio de discussões coletivas. Isso garante uma maior flexibilidade na metodologia, o que

também possibilita trabalhar com faixas etárias mais amplas.

Assim, *Quatre retocs / Some cosmetics touch-ups* (2010) é um álbum ilustrado coletivamente, resultado de seu primeiro projeto, em que Nívola propôs a realização de um álbum ilustrado coletivo feito por duas escolas em locais completamente diferentes, a primeira na cidade Brikama, em Gâmbia e outra em Mallorca, na Espanha. Segundo a ilustradora, o álbum “foi o eixo central do projeto de conscientização para a cooperação *África na escola, escola na África* promovido pela ONG Santa Maria Sense Fronteres”. (UYÁ, 2018, p.69, tradução nossa).



Figura 18: Lamin Sanyang pintando sua proposta. Kabafita Lower Basic School, Brikama, Gambia (2009).  
Fonte: Imagem coletada do artigo Acesso: dezembro 2018

Para a produção coletiva, foram realizadas três oficinas de ilustração em cada escola. Nívola ressalta que, em Gâmbia, percebeu que aquele era um dos primeiros contatos que as crianças tinham com arte e materiais de pintura e que as composições feitas por elas eram cheias de espontaneidade, cor, ritmo e frescor. Após as oficinas e produção de 22 ilustrações, o livro foi editado e vendido na escola

de Mallorca em uma feira de livros. O dinheiro arrecadado foi totalmente doado para a escola de Brikama e foi usado no conserto do telhado e do pavimento. Cada aluno que participou do projeto, em ambas as escolas, ganhou um livro impresso.

*La granota Junko* (2015) foi a segunda experiência de criação de álbum ilustrado coletivamente em ambiente escolar. Desta vez em apenas uma escola, a “Escuela Mata de Jonc” em Palmas na Espanha, mas com alunos de diferentes faixas etárias. Foram realizadas quatro oficinas, divididas por sessões de turmas misturadas de diferentes faixas etárias com o objetivo de unir competências e habilidades. Durante as oficinas, primeiramente, era feita uma leitura adaptada de *O homem que plantava árvores* de Jean Giono para desenvolver o tema de conscientização ecológica e depois as turmas partiam para a prática. Após as oficinas os livros foram montados, editados, impressos e distribuídos para cada aluno participante.



Figura 19: Crianças pintando personagens e elementos do álbum, em grupos de diferentes idades. Colegio Mata de Jonc, Palma, España. (2015).

Fonte: imagem coletada do artigo Acesso: dezembro de 2018

*Los niños que plantaban ahuehetes* (2015) é o terceiro e último projeto apresentado pela ilustradora, foi desenvolvido em duas oficinas de ilustração em uma escola em Tula, México. Primeiramente, ocorreu a contação de história, como no projeto anterior, uma adaptação de *O homem que plantava árvores*, seguida pela parte prática da oficina em que as crianças pintaram coletivamente com tintas e

pigmentos naturais. Segundo Nívola Uyá (2018, p.72), a ilustração e o álbum ilustrado, no contexto educacional, podem abrir portas e de certa forma empoderar as crianças como agentes criadores de cultura e mudanças sociais.



Figura 20: Crianças pintando fundo dos álbuns em grupo. Colegio Primaria Cruz Azul, Tula, México. (2015).

Fonte: imagem coletada do artigo Acesso: dezembro de 2018

Os projetos desenvolvidos por Nívola são muito interessantes em minha opinião, pois as crianças desenvolvem literacia visual e estesia ao criarem seus próprios álbuns ilustrados, já que devem pensar sobre a mensagem que querem passar por meio de suas composições imagéticas. Assim, por meio de projetos coletivos elas realizam trocas de habilidades e conhecimentos e podem crescer juntas. Além disso os projetos desenvolvidos também pensam em causas sociais -- sobretudo o primeiro, Quatre retocs/Some cosmetics touch-ups – e abrem portas para pensar arte e ilustração como agentes de mudanças em prol do bem comum.

## Capítulo 5: Alternativas futuras de Planos de Aula

Finalmente, após ter discorrido sobre a importância da experiência estética e do desenvolvimento da literacia visual, propondo a ilustração como um caminho de acesso à arte mais próximo das crianças e jovens, apresento propostas de utilização da ilustração em ambiente educativo a fim de esclarecer de que forma o conhecimento aqui discutido pode ser aplicado em práticas futuras. As propostas pensadas são um plano de aula que pode ser desenvolvido em uma ou duas aulas e um projeto mais longo que pode ser desenvolvido ao longo de um mês. As atividades foram pensadas para serem realizadas de maneira coletiva ou em grupos, de forma a proporcionarem um ambiente aberto para trocas e construção de conhecimento.

### PLANO DE AULA

#### Público-alvo

Atividade adaptada a todas as faixas etárias

#### Objetivos

1. Estudantes identificarão elementos visuais e farão análise e interpretação de imagens em um livro ilustrado, em roda coletiva, durante a leitura do livro ilustrado.
2. Estudantes discutirão a respeito das imagens e temática para criarem uma ilustração coletiva.
3. Estudantes construirão um painel ilustrado coletivamente utilizando a temática do livro ilustrado, experimentando diferentes materiais.

#### Materiais

- Livro ilustrado
- Rolo grande de papel pardo
- Giz pastel
- Tinta guache
- Lápis de cor
- Canetas coloridas hidrocor
- Revistas e jornais para recorte
- Tesoura
- Cola



## **Atividade**

Explique aos estudantes as atividades que serão propostas. Reúna-os em roda para a leitura do livro, incluindo a análise de imagens guiada por perguntas (por exemplo: perguntar as sensações que as imagens passam, o que na composição formal provoca essa sensação). Após a leitura os estudantes irão discutir sobre a temática e sobre as composições imagéticas para poderem elaborar um painel ilustrado.

O painel ilustrado será feito coletivamente: um grande papel pardo e alunos em volta desenhando (de forma que a composição não tenha um ponto de referência de cima ou baixo) com vários materiais para que possam experimentar diferentes texturas e criar uma composição rica em contrastes.

## **Avaliação**

- Observar a participação e contribuição dos alunos durante os processos de leitura de imagem e criação de ilustração coletiva.
- Conversa coletiva após processo para saber o que alunos acharam da atividade (incluindo uma auto-avaliação)

## **PROJETO**

### **Público-alvo**

#### Ensino formal:

Ensino Fundamental - Anos Finais

Ensino Médio – 1º, 2º e 3º anos

#### Ensino informal:

A partir de 10 anos, aproximadamente

### **Objetivos**

1. Estudantes desenvolverão pesquisas de referências
2. Estudantes realizarão leituras de imagem

### 3. Estudantes criarão albuns ilustrados

#### **Materiais**

- Papel canson
- Papel pardo
- Giz pastel
- Tinta guache
- Lápis de cor
- Canetas coloridas hidrocor
- Revistas e jornais para recorte
- Tesoura
- Cola
- Linha encerada
- Agulha
- Furador
- Grampeador e grampos
- Projetor de imagem

#### **Atividade**

Primeira etapa: Em um primeiro momento, pedir que estudantes pesquisem referências de ilustrações e ilustradores. Indicar instagram e behance como fontes.

Alguns exemplos no Behance seriam Marion Barraud e Studio Patten, acessíveis, respectivamente, nos seguintes links (<https://www.behance.net/marionbarraud>) e (<https://www.behance.net/studiopatten>).

Alguns exemplos no instagram: Atelier Bingo ([@atelierbingo](https://www.instagram.com/atelierbingo)), Mirjarm Siim ([@mirjamsiim](https://www.instagram.com/mirjamsiim)), Yumi Sakugawa ([@yumisakugawa](https://www.instagram.com/yumisakugawa)) e Agathe Sorlet ([@agathesorlet](https://www.instagram.com/agathesorlet)).

Pedir para que eles colem, no mínimo, 5 (cinco) referências e façam um portfólio coletivo. Essa atividade pode ser desenvolvida durante uma aula.

Segunda etapa: Após a coleta de referências dividir alunos em grupos de três ou em duplas, cada grupo/dupla escolhe uma das ilustrações referência para fazer análise e interpretação de imagem. Cada análise deve ser apresentada para a turma, com a imagem projetada. Essa atividade pode ser desenvolvida durante duas aulas.

Terceira etapa: Cada grupo ou dupla deve escolher uma temática a ser tratada e criar um álbum ilustrado. No processo de criação devem ser pensados: o material de acordo com a temática, as composições bem articuladas, a construção da sequência do álbum, a costura ou grampo dependendo do estilo do livro. Essa

atividade pode ser desenvolvida entre 3 e 4 aulas.

- Quarta etapa: Montar uma biblioteca com os álbuns ilustrados produzidos pelos alunos e fazer leituras coletivas de cada álbum.

### **Avaliação**

- Observar a participação e contribuição dos alunos durante o processo.
- Avaliação da apresentação de análise de imagem
- Coerência e acabamento dos álbuns ilustrados.
- Conversa coletiva após processo para saber o que alunos acharam da atividade (incluindo uma auto-avaliação)

## Considerações Finais:

Por meio das investigações feitas acerca da experiência estética, das narrativas visuais, da literacia visual e da ilustração foram definidos conceitos que envolviam essas temáticas e feitas proposições para sua aplicação em sala de aula. A escolha desses conceitos e da trajetória da pesquisa foram baseadas na importância do ensino da arte como processo de sensibilização do sujeito para interagir com imagens, mas sobretudo, na aceção de arte como possibilidade de experimentar e relacionar-se com a subjetividade e o sensível, de desenvolvimento das capacidades crítica e criadora.

Ressalto que o desenvolvimento de tais capacidades se faz ainda mais urgente considerando nosso contexto histórico, cultural e social, já que temos acesso a muitas informações de uma vez, principalmente, com um grande fluxo de imagens, e não muito tempo e nem meios para “digeri-las”.

Neste trabalho, procurei buscar alternativas de trabalho pedagógico, de forma a expandir fronteiras do ensino da arte. Levei em consideração três fatores importantes definidos por Pablo Helguera (2011, p.12):

Primeiro: a realização criativa do ato de educar; segundo: o fato de que a construção coletiva de um ambiente artístico, com obras de arte e ideias, é uma construção coletiva de conhecimento; e terceiro: o fato de que o conhecimento sobre a arte não termina no conhecimento de uma obra de arte, ela é uma ferramenta para compreender o mundo. (HELGUERA, 2011, p.12)

Nesse sentido, a ilustração foi pensada como veículo para gerar e desenvolver a estesia e a literacia visual, além de se apresentar como uma possibilidade de aproximação do ensino da arte à realidade do aluno. Esse desenvolvimento partirá da leitura de imagens, sensibilizando para o uso dos elementos da linguagem visual, ampliando os repertórios imagéticos com estilos de ilustração diferentes e também incentivando a produção artística e criação expressiva dos estudantes. As atividades propostas buscaram pensar em uma formação do aluno como sujeito integral, com senso crítico, empatia e sensibilidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Mônica Niederle de. **Narrativa Ficcional**: Comparação entre Textos de 1982 e de 2011 em crianças de 4 a 6 anos. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

AGUIRRE, Imanol. **Imaginando um futuro para a educação artística**. Docslide, 2015. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/imaginando-um-futuro-para-a-educacao-artistica-imanol-aguirre.html>> Acesso em: 25 ago. 2018.

AZEVEDO, Ricardo. Depoimentos. In: OLIVEIRA, I. (Org.) **O que é a qualidade em ilustração no livro infant juvenil: com a palavra o ilustrador**. Cidade: Editora, 2008, p. 193.

BARRAUD, Marion. **Winter (in progress)**. Ilustração. Disponível em: <<https://www.behance.net/marionbarraud> > Acesso em: 10 nov. 2018.

BLOCH, Serge; CALI, Davide. **Moi, J'attends**. Paris: Sarbacane, 2005.

BRUXELAS, Filipe de; ROSA, Pedro. **Primeiro cresci no coração**. Lisboa: Ed. ILGA, 2013.

CAPELOA GIL, Isabel. **Literacia Visual: Estudos sobre a inquietude das imagens**. Lisboa: Arte e Comunicação, 2001.

CHANDA, Jacqueline. Teoria em História da Arte: novas opções para a prática de Arte/Educação. In: Barbosa, A. M. (Org.). **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 64-78.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Algumas considerações sobre as imagens. In: MARTINS, R. MARTINS, A (Orgs.). **Trânsitos e Fronteiras em Educação da Cultura Visual**. Goiânia: FUNAPE, 2014, pp. 159-177.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez. Autores associados: Universidade de Uberlândia, MG. 1981

EBERT, Andrea. **A vassoura do ar encantado**. Ilustração. Disponível em: < <https://www.andreaebert.com/> > Acesso em 15 out. 2018.

ECO, Umberto. História da Feiura. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FELTRE, Camila. Leitura de livros-imagem a partir de oficinas de arte na cidade de São Paulo. In: Aberasturi-Apraiz, E.; Arriaga, A.; Marcellán-Baraze I. (Org.). **Arte, Ilustración y Cultura Visual. Diálogos en torno a la mediación educativa crítica dentro y fuera de la escuela**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.

FRANCO-VASQUEZ, Carmen. PARDO, Verónica. **Hilos y Ovillos: una propuesta de educación literária y artística**. In: Aberasturi-Apraiz, E.; Arriaga, A.; Marcellán-Baraze I. (Org.). **Arte, Ilustración y Cultura Visual. Diálogos en torno a la mediación educativa crítica dentro y fuera de la escuela**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018,

GODINHO, Ju; FILIPE, Eduardo. **Ilustrarte 2016: Bienal Internacional de Ilustração para a Infância**. Lisboa, 2016. Catálogo da Exposição.

HELGUERA, Pablo. Transpedagogia. In: HELGUERA, P., HOFF, M. (Org.). **Pedagogia no campo expandido**. Tradução Camila Pasquetti, Camila Schenkel, Carina Alvarez, Gabriela Petit, Francesco Settineri, Martin Heuser e Nick Rands. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 2011.

HELQUIST, Brett. **Mau começo. Imagem desventuras em série**. Ilustração. Disponível em: < <http://www.youblisher.com/p/140693-Desventuras-em-Serie-Mau-Comeco/> > Acesso em: 14 out. 2018.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro n.19, p.20-28, abr 2002. Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>> Acesso em: 25 set. 2018.

LISSINTZKY, El. Ilustrações de: A história dos dois quadrados, 1982. Ilustração. Disponível em: <<http://construtivismo-up.blogspot.com/2011/06/analise-das-obras.html>> Acesso em: 20 out. 2018.

MATOS, Alexandre. Ilustrações de Capas da Coleção de Ensino Fundamental. **Coleção A Caminho dos Mapas**. Ed. Moderna, 2013. Ilustração. Disponível em: < <http://www.alexandrematos.com/ilustracao/> > Acesso em: 16 out. 2018.

MIRÓ, Joan. **À toute epréuve**, 1958. Ilustração. Foto própria da exposição Miró. Retrospective (out. 2018 - fev. 2019) Grand-Palais, Paris

MOROKAW, Rosi Leny. **Definição Estética De Arte: Experiência Estética E Definição De Arte Em Monroe Beardsley**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MUNIZ, Vik. **Valentina, a veloz**, 1996. Fotografia da série Crianças de açúcar. Disponível em: <http://bit.ly/2DplB0k> Acesso em: 28 set. 2018

NANNINI, Priscilla Barranqueiros Ramos. **Ilustração: Um Passeio pela Poesia Visual**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) Universidade Estadual Paulista, 2007.

PRADES, Anita Novaes. Reinterpretar realidades: o exercício da imaginação no contexto do livro ilustrado, In: **Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, 26o, 2017, Campinas. Anais do 26o Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.1843-1852.

RAMOS, Flávia Brocchetto; DE PAIVA, Ana Paula Mathias. A dimensão não verbal no livro literário para criança. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 14, n. 3, p. 425-447, out. 2014. ISSN 1984-7114. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/5919/3671>>. <doi:<http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v14n3.p425-447>> Acesso em: 04 set. 2018.

SANTOS, Estrela. AMARILHA, Marly. “**O livro ilustrado e o ensino das artes visuais**” In: Aberasturi-Apraiz, E.; Arriaga, A.; Marcellán-Baraze I. (Org.). **Arte, Ilustración y Cultura Visual. Diálogos en torno a la mediación educativa crítica dentro y fuera de la escuela**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.

SAKUGAWA, Yumi. **Your Illustrated Guide to Becoming One with the Universe**, 2014. Ilustração. Disponível em: < <http://www.yumisakugawa.com> > Acesso em: 01 nov. 2018.

SORLET, Agathe. **Sunday With You**. 2018. Ilustração. Disponível em: < [agathesorletshop.com](http://agathesorletshop.com) > Acesso em: 04 nov. 2018.

UYÁ, Nívola. “**Album ilustrado participativo: una herramienta de cambio social**”. In: Aberasturi-Apraiz, E.; Arriaga, A.; Marcellán-Baraze I. (Org.). **Arte, Ilustración y Cultura Visual. Diálogos en torno a la mediación educativa crítica dentro y fuera de la escuela**. Bilbao: Universidad del País Vasco, 2018.